

HENRIQUE ANTUNES CUNHA JÚNIOR – UM DESTACADO PROFESSOR – MILITANTE NA SUA LUTA NÃO- VIOLENTA EM BUSCA DO PODER PARA OS AFRODESCENDENTES

Autor: Auxiliadora Maria Martins da Silva. AMMS

Co-autor: Clara Fláuxi Martins da Silva. CFMS

Co-autor: Ellis Cristine Oliveira Alves. ECOA

Universidade Federal de Pernambuco

silinhaead@gmail.com

Resumo: O presente artigo foi desenvolvido a partir de uma entrevista biográfica realizada com o professor Henrique Antunes Cunha Júnior. Com base na entrevista foi possível entrar em contato com sua história de vida e o percurso que o professor realizou até ser considerado, atualmente, uma das principais referências nas discussões sobre afrodescendência no Brasil. Sendo assim, o professor fez uma autobiografia, onde em seus relatos foram obtidos diversos dados que foram analisados e interpretados consolidando a fonte desse artigo. Entretanto, foi utilizada a entrevista quase que na íntegra para contemplar as necessidades pertinentes ao desenvolvimento deste trabalho, sendo os dados obtidos correlacionados a outros autores e momentos importantes da história do povo negro brasileiro. Nesse contexto, durante a leitura dessa pesquisa, é possível conhecer a história de vida do professor Henrique Cunha, assim como observar nos diversos períodos históricos citados pelo entrevistado, a diversidade que a população negra brasileira vivenciava, seja através dos movimentos negros, da arte, dos negros pobres, dos negros mais favorecidos financeiramente, das relações entre negros e brancos, e tantos outros contextos que emergem na autobiografia através das experiências de vida que o entrevistado relata. Além de todas essas questões, nos relatos autobiográficos o professor aborda um fato importante e impulsionador para outros estudiosos das questões da afrodescendência no Brasil, ao expor os motivos e importância de se adotar o conceito de etnia em detrimento ao conceito de raça. Em suma, a entrevista autobiográfica do professor Henrique Cunha permite entrar em contato com o percurso de formação, trajetória de vida, mudanças pessoais e profissionais que contribuem para compreensão das diversas realidades dos afrodescendentes.

Palavras-chave: População negra; professor; militante.

Introdução

Nos últimos anos houve um aumento expressivo no acesso dos afrodescendentes ao ensino superior no Brasil. Segundo dados do censo demográfico do IBGE de 2010 que foram organizados pela Secretária Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) houve um aumento de oito vezes, em dez anos, no total de negros no ensino superior, ainda assim, a desigualdade racial no acesso é gritante, cerca de 3,27% dos auto identificados pretos e pardos tem ensino superior completo, enquanto esse percentual atinge 10,12% nos demais grupos étnicos da população.

Nesse sentido, aparece a figura do professor Henrique Antunes Cunha Júnior, preenchendo essa lacuna do Ensino Superior Brasileiro. Ele é constantemente citado e procurado como referência para os universitários que trabalham essa temática. Conforme Elias (2006, p. 196), procurando denominações para si próprio e para o grupo por eles formados, e, conseqüentemente, para suas formulações teóricas comuns. Dessa forma, percebemos uma circulação por entre várias áreas do conhecimento e um acesso ao site da CNPQ, na base de dados currículo lattes, nos faz visualizar a abrangência do grupo de estudantes que tiveram Henrique Antunes Cunha Júnior participando de suas bancas, compostas por diferentes áreas em 12 teses de doutorado, 01 de arquitetura e urbanismo, 10 em educação, 01 em engenharia de produção e em 44 dissertações de mestrado, 13 em engenharia elétrica, 02 em serviço social, 19 em educação, 03 em desenho industrial, 03 em educação e contemporaneidade, 01 em ensino das ciências, 01 em sociologia, 01 em física, 01 em história. Esse grupo distribui-se em vários estados: Maranhão, São Paulo, Piauí, Ceará, Bahia, Paraná, Pernambuco, Paraíba, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, com uma maior incidência de Recife.

Esse grupo de pessoas ou figuração está em interdependência, uns com os outros, uma vez que se apropriou dos conceitos e teorias trabalhados pelo examinador, em comum, de suas bancas para estudar os fenômenos tanto naturais, quanto sociais da sociedade brasileira e, ao fazerem isso, atuaram conforme Elias (2006, p. 194). “Ao estudar a sociedade, ajudaram a forjar, de maneira mais ou menos consciente, armas intelectuais para as lutas entre diferentes ideais e sistemas de valores”.

Essas teses e dissertações escritas e defendidas, num período que vai de 1991 até

2009, baseadas numa teorização que leva em consideração os saberes africanos e afrodescendentes, são reveladoras de vinculações entre o nascimento de conceitos e disciplinas e as transformações sociogenéticas e psicogenéticas sofridas pela sociedade, bem como da diminuição de poder das comunidades acadêmicas eurocêntricas que deixam de controlar unilateralmente a produção do conhecimento científico, uma vez que esse controle está tornando-se mais multilateral e em condições de reciprocidade, ou seja, os conceitos de raça, etnia e de negro, construídos socialmente pelos brancos como demarcadores de uma diferença humana e baseados num sistema de exploração, escravização e inferiorização dos povos africanos e afrodescendentes, sistemas esses que foram respaldados cientificamente, estão sendo ressignificados.

Nesse sentido, a pesquisa no site aludido nos mostra uma profusão de artigos científicos e resumos de artigos publicados em revistas científicas, congressos e seminários, pelo professor Henrique Antunes Cunha Júnior, onde figuram as seguintes *temáticas significativas* ou *temas geradores*¹, fruto dos seus incansáveis estudos e pesquisas entre o ano de 1988, ano em que revela ter assumido definitivamente o conceito de etnia negra, com o respectivo abandono do conceito de raça:

África, Africanos, Afrodescendência, Afrodescendentes, Escrita Africana, Etnia, Etnia Negra, Negros, Indígenas, Comunidades de Quilombos, Candomblé, Racismo, Anti-racismo, Sociedade da Informação e População Negra, Universidade Pública, e População Negra, Parâmetros Curriculares Nacionais, Temas Transversais, Abolição, Educação dos Afrodescendentes, Metodologia Afrodescendente de Pesquisa, Memória, Cultura, História, Movimentos Negros, Formação de Pesquisadores Negros, Arte Africana e Afrodescendente, Dança Africana e Afrodescendente, Movimentos de Consciência Negra, A Ausência de Novidade Econômica, Políticas Públicas, Pluriculturalismo, Hip - Hop, Relações étnicas.

Esse grupo de temáticas significativas ou temas geradores, extraídos das discussões desenvolvidas pelo professor Henrique Cunha, aponta para o nascimento e o desenvolvimento de novos modos de pensar, falar e realizar práticas educativas: As Africanidades e Afrodescendências, campo de pesquisa nascido no seio da introdução do conceito de etnia negra na educação, instigado pelos estudos, argumentos e prática político-pedagógica do professor Henrique Cunha e outros/as. Nesse contexto, surge o interesse de compreender o

¹ A pedagogia proposta detalhadamente por Freire, em seu livro, *Pedagogia do Oprimido*, como expressão de uma educação problematizadora consiste em ter as experiências vividas como fonte primária da busca dos “temas significativos” ou “temas geradores” que seriam pesquisados e organizados por especialistas em unidades programáticas, não se constituindo numa “doação ou imposição, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou em forma desestruturada” (FREIRE, 1981, p. 32).

percurso que o professor Henrique Cunha percorreu até se torna essa referência, assim foram desenvolvidos os seguintes objetivos:

OBJETIVO GERAL: Compreender a trajetória de vida do professor Henrique Antunes Cunha Júnior até se tornar referência no ensino superior brasileiro.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Perceber o percurso de formação que o professor desenvolveu ao longo de sua vida.
2. Identificar possíveis mudanças na realidade pessoal e profissional que tenham ocorrido durante seu processo de formação.
3. Observar as escolhas e implicações que o professor realizou para conseguir manter seus objetivos com relação aos estudos sobre etnia.

Metodologia

Para tanto, foram pensados alguns conceitos metodológicos que fundamentassem essa pesquisa. Entre eles a (auto)biografia, que foi usada como instrumento de obtenção dos dados, visto que foi através da proposta de um discurso autobiográfico que os dados foram obtidos. Essa metodologia de pesquisa inaugura uma prática característica de trabalho tanto com um novo tipo de material, bem como, uma nova forma do pesquisador se relacionar com o informante, pela implicação, o lugar da subjetividade (JOSSO, 2010, p. 131).

Portanto, a história de cada sujeito é única e importante, pois versa sobre os caminhos que percorreu e suas experiências, “[...] é o fato incontestável de que o objeto das ciências sociais é histórico”. Segundo Minayo que acrescenta, ainda, nesse ponto, que as sociedades humanas vivem no presente, contudo marcados pelo passado e projetando o futuro (2008, p.39). Nesse sentido, a autora, defende que toda pesquisa social carece de escrever a historicidade humana.

Sendo assim, as leituras analíticas e interpretativas que realizamos com obtenção dos dados oriundos da entrevista biográfica realizada com o professor Henrique Cunha, na tarde do dia 06/08/2009, em Recife, foram realizadas da seguinte forma: após ouvir a entrevista gravada, fizemos sua transcrição que nos rendeu dezesseis páginas escritas, que para este artigo foram objetivadas e apresentados os trechos que contemplam os objetivos.

Resultados e Discussões

Foi enviada a transcrição da entrevista para leitura do entrevistado e possível alterações,

contudo foi autorizado o uso sem nenhuma modificação no conteúdo. Segue alguns dados obtidos, assim como sua análise e discussões.

Conte sua história de vida, revelando aspectos da sua formação que o levaram a fazer escolhas acadêmicas na linha da introdução do conceito de etnia negra no campo da educação.

Houve um momento de silêncio, um sorriso, um respirar profundo. Acreditamos que esse momento buscou trazer à memória os acontecimentos que o levaram a ter as ideias que hoje tem sobre etnia negra e a rede de pessoas e eventos que marcaram a sua existência como ser humano e como profissional da educação das relações étnico-raciais desenvolvidas na sociedade brasileira.

Nesse sentido, a resposta dada pelo entrevistado à pergunta acima formulada nos possibilitou compreender seu percurso de formação, através da forma como fala dos diversos campos de experiências implicados numa trajetória de vida e as possíveis mudanças na realidade pessoal e profissional durante o desenvolvimento desse processo:

1. Nascimento e relacionamento com os avós e os pais:

Henrique Cunha nasceu em 1952, em São Paulo, no bairro do Bexiga, tendo seus pais, em 1953, mudado para o bairro da Glória onde, então, ele cresceu e viveu, num bairro de classe média. No que diz respeito às condições socioculturais e econômicas, sua história de vida diferenciou-se da maioria da população negra, conforme depoimentos:

Tem duas coisas que eram bastante importante frisar desde o início: dentro da população negra agente era bastante escolarizado, venho de avós que eram alfabetizados e meu avô, por parte de pai, já era do Movimento Negro, intelectual que escrevia e participava desde 1904.

Eu cresci vendo meu pai fazer duas coisas: participar da Associação Cultural do Negro de São Paulo, na década de 50, onde foi presidente e me levava, uma vez, por semana, era um núcleo de intelectuais. Meu pai era uma pessoa que lia muito e tinha uma biblioteca grande, trabalhava na Secretaria de Obras do Estado de São Paulo, como desenhista de arquitetura, por isso, aprendi geometria muito cedo e tinha na mente. Foi um negócio que eu vi como se fazia arquitetura já desde criança e meu pai guardava uma grande prancheta de madeira e custava uma fortuna inclusive, para que eu fosse arquiteto no futuro.

Minha mãe é professora e queria que eu fizesse uma coisa que desse muito dinheiro, que eu fosse de uma grande empresa ou que eu fosse um embaixador ou coisa deste tipo, a minha mãe me preparou para ser um grande homem, tanto que ela me mandou estudar línguas quando criança, ela me mandou fazer curso de etiqueta, para ser uma pessoa de destaque, independente, eu tinha que cuidar da minha vida, tanto que eu sei cozinhar, eu com oito

anos de idade já fazia matrícula na escola, com doze já viajava sozinho, com quatorze eu fui ao Paraguai com cinco colegas da mesma idade.

Dos excertos da autobiografia acima explicitados: observamos uma implicação do pai e da mãe do professor entrevistado com a construção de um projeto de vida e de profissionalização para a obtenção da dignidade, do sucesso, da liberdade, da integridade desde a mais tenra idade, bem como da apreensão da identidade étnica negra num contexto de positividade que produz uma auto-estima também positiva, uma vez que o entrevistado percebe/recebe atenção, cuidados e amor que, emanados da família, o impelem para um investimento afetivo e intelectual nesse processo – projeto de vida e de luta para viabilização da liberdade dos/as outros/as seres humanos.

2. Outras pessoas e / ou grupos de convívio:

Cresci dentro de uma família de intelectuais negra que tinha uma interface com uma intelectualidade branca: os pianos. Qualquer festa que tivesse na minha casa virava um sarau: alguém tocava piano, cantava, declamava, alguém fazia discurso, então tinha essa coisa. Por exemplo, o Florestan Fernandes e Roger Bastides era amigo do meu pai, o Otavio Ianni era amigo do meu pai, pessoas que fizeram carreira universitária. Eu frequentava a casa de seu Correia Leite, o meu pai, então, bom, tinha um grupo dessa história // e o Solano Trindade era amigo do meu pai.

O excerto de fala do entrevistado nos revela a oferta de uma esmerada educação, do ponto de vista da arte, com a oportunidade dada pela família de possuir e aprender a tocar piano, aprender línguas e conviver num grupo de pertencimento ligado à discussão acerca da questão do/a negro/a, do racismo brasileiro e da elaboração de estratégias para combatê-lo, onde a criação de jornais para denúncia do racismo e de associações culturais e políticas para divulgação das ideias antirracistas e indicação de estratégias promotoras da igualdade étnico-racial para o estado brasileiro foram preponderantes no convívio do professor Henrique Cunha com a intelectualidade negra e não negra paulistana.

O envolvimento do avô, do pai e da mãe do Henrique Antunes Cunha Júnior com a questão do/a negro/a, a denúncia do racismo operante na sociedade brasileira, bem como a elaboração de estratégias de combate ao racismo e o envolvimento da mãe na busca fervorosa por alfabetizar crianças negras nordestinas, nos parece ter sido exemplar na elaboração de um projeto de vida e de profissionalização em que o entrevistado se envolveu, permitindo que o objetivo de sua mãe de que ele fosse um homem de destaque tenha sido efetivamente conquistado.

3. Vivências educativas escolares:

(...) por eu não ter idade para entrar na escola, eu ia com minha mãe que era professora primária para o Marechal Floriano, um grupo escolar de São Paulo, aqueles grupos escolares antigos que deveriam

abrigar a classe média aqui da Vila Mariana, ficava lá no recreio, dormia no recreio, Minha mãe, ela não queria lecionar o próprio filho para ele não ficar mimado... eu prestei no ginásio mais famoso de São Paulo o Brasília Machado que é um ginásio público que nessa época os ginásios públicos competiam com os particulares, em São Paulo tinha três ou quatro ginásios públicos famosos, um deles era o Brasília Machado eu passei e fiz o ginásio no Brasília Machado ... era assim, nós tínhamos vários professores no ginásio que tinham Doutorado, que tinham Mestrado e ensinavam no ginásio público, vários professores também tinham livros publicados, e adotavam o livro que eles tinham escrito, isso mostra uma escola que tinha um qualidade muito grande, por exemplo, que agente tinha laboratório de Física, Biologia e tudo.

Através dessas falas ligadas ao processo educativo escolar, podemos verificar na autobiografia analisada que a educação esmerada ofertada pela família foi complementada pela educação pública oficial, ofertada pelo estado, também de forma esmerada, tendo o entrevistado referido ter cursado primário e ginásio em dois grandes e respeitados colégios de São Paulo à época, anos 60-70. Essas questões educativas relativas às vivências de aprendizagem do pesquisado nos permitem reconstituir a trajetória de vida desse sujeito e das relações sociais travadas com os seus grupos de pertencimento, de forma a apreender, desses relatos, os contextos socioculturais e familiares nos quais viveu e circulou nos permitindo a descoberta progressiva dos motivos que constituíram Henrique Cunha como um acadêmico democrático, engajado num desenvolvimento de um referencial teórico-metodológico próprio aos estudos das Africanidades e das Afrodescendências.

4. Outras oportunidades educativas extra-escolares:

(...) eu fiz parte em uma escola que é um negócio muito importante que é o Escotismo, sai com dezoito anos porque entrei na Engenharia em São Carlos daí não pude continuar sendo escoteiro, escotismo também foi uma escola que agente fazia muitas atividades muitas coisas, muitas viagens e tudo aquela coisa do acampamento e eu sempre fui líder eu, nos lobinho, logo fui primo que é o chefe do grupinho, quando fui escoteiro logo fui o cara que comandava a patrulha, eu fui guia e depois se eu ficasse seria chefe também do grupo onde eu estava do escotismo. O escotismo me deu essa coisa de liderança, de montar grupo.

(...) eu fui também fui para a sessão cristã de moços, não por motivos religiosos nós nunca tivemos uma existência religiosa em casa, //eu fui para sessão cristã de moços por uma razão, lá tinha uma boa piscina em São Paulo, coberta e tudo e ela tinha atividades físicas e fazia acampamentos, então eu ia três vezes por semana fazer atividades físicas e aprender a nadar e, a sessão cristã dos moços tinha uma preocupação com a preparação dos jovens, então no ponto de vista educacional eu acho que tive uma cerca imensa de tudo quanto foi cuidado possível.// eu sempre

frequentei terreiro desde os 16 anos e tudo, mas nunca fiz o santo.

As falas explicitadas, nessa escrita de si, realizada pelo pesquisado são demonstrativas de que Henrique Cunha muito recebeu no que diz respeito à sua formação humana, intelectual, inicial e contínua, tanto dos seus avós e pais quanto dos demais grupos de pertencimento: grupos de negros/as, escolas públicas de qualidade, da religião cristã católica mesmo que essa religião não seja professada, nem praticada em família e em sua vida particular, do Escotismo, dos pianos, das diferentes línguas aprendidas e das viagens, mas também dos grupos brancos que frequentavam as festas e as reuniões de domingo regadas a bons petiscos alimentadores do físico e da mente, bem como do espírito e do campo das ideias, uma vez que inúmeros intelectuais negros e brancos ali discutiam suas teses, recebendo, em troca, as antíteses.

Tudo quanto foi recebido no que diz respeito às orientações e aos conselhos para a vida, dos familiares, amigos/as, professores/as, as experiências vivenciadas junto aos grupos de estudo e do escotismo, bem como as vivências escolares, religiosas, sociais e culturais nas fases da infância e da adolescência, foram vividas num contexto de positividade e de solidariedade que colaboraram num desenvolvimento humano e na implicação do Henrique Cunha em práticas de transmissão do que foi aprendido/vivido, tornando-se bem sucedido no seu projeto de vida e profissional.

5. A entrada e experiências vivenciadas na universidade.

(...) eu quando fiz o vestibular entrei na USP mais não era muita novidade entrar na USP, primeiro vestibular entrei na USP, Engenharia em São Carlos, e foi engenharia, depois de ter feito engenharia elétrica eu resolvi fazer Sociologia. // eu li o Casa Grande e Senzala, lá em casa, já metiam o pau nele, quando eu tinha quatorze anos eu fui convencido por eles pensava que o livro não prestava e, depois, na profissão de sociologia eu acabei de ser mais convicto que não valia a pena mais ficar apontando os erros do Casa Grande e Senzala até como se aponta hoje, generaliza uma coisa que não dá para generalizar, o Brasil. E é um livro machista e racista, é um livro que falar do Casa Grande aqui em Recife, eu posso até não conseguir voltar para casa, a verdade é essa. // na Universidade Federal de São Carlos foi uma possibilidade também de militar nas coisas estudantis, de estar discutindo política e todas essas coisas e sempre com a questão da população negra.

(...) os bailes, // Tim Maia, Jorge Bem, James Brow. // o baile tem uma importância grande nesse processo identitário.

Observamos que no critério dos campos disciplinares valorizados socialmente, o professor entrevistado demonstra ter produzido rupturas, uma vez que se formou em Engenharia Elétrica, estudou em universidades bem reconhecidas dentro e fora do país, conforme relata em sua autobiografia, mas fez também Sociologia que não possui o mesmo status social da Engenharia, na

hierarquia dos campos disciplinares acadêmicos.

6. *A universidade em suas possibilidades de profissionalização:*

(...)fui aprovado na seleção para professor na USP, comecei muito cedo, eu estudei na USP logo dois anos depois eu fui professor na escola onde eu tinha estudado, eu fiz pós-graduação, então quando abriu a vaga eu estava fazendo pós-graduação no ITA, eu logo consegui ser contratado na USP, eu tinha tido inclusive uma proposta para ser contratado no ITA e não aceitei a proposta. Daí eu fui para São Carlos, terminei o Mestrado, não defendi e arranjei uma bolsa para ir para França, // eu tinha conseguido uma inscrição também nos Estados Unidos e resolvi ir para França. // lá eu descobri que eu tinha qualidades que nunca tinham sido elogiadas no Brasil,

(...) fiz um trabalho sobre a História do Negro no Brasil, // bom então eu estava fazendo doutorado, no meio do doutorado eu resolvi fazer uma especialização em economia. // Voltei ao Brasil, // trabalhei no ITP -Instituto de Pesquisa Tecnológica do Estado de São Paulo. // então eu orientava teses no mestrado na engenharia, dava aula na engenharia, fazia as coisas da economia e era consultor do IPT. // uma experiência riquíssima só que o instituto fez uma exigência, eu tinha que largar uma das coisas que eu estava fazendo, ou eu largava a USP ou eu largava a pós-graduação em economia e fiquei sendo professor em tempo parcial na USP. // montei um grupo de pesquisa em engenharia e tudo mais, o grupo era bastante produtivo, chegou uma época 89, 90 saiam vários mestrados por ano.

Todo esse histórico rico de experiências de vida nos situa na complexidade do processo de formação e profissionalização narrado pelo entrevistado demonstrando até aqui um gosto e um entusiasmo singular pelo estudo, bem como, a incidência de importantes *encontros formadores*: a) com os avôs, pai, mãe, b) com a intelectualidade paulistana, c) com os grupos de crianças negras nordestinas, d) com escolas e universidades de qualidade, d) com ambientes de formação profissionais de ponta, e) com viagens aos países que possibilitaram outras leituras acerca da questão do negro. Verificamos também, a existências de *momentos-charneira*:² a) decisão de não fazer o curso desejado pelo pai, seguindo o seu próprio desejo: Engenharia, Sociologia, Economia e História, nos níveis de graduação e pós-graduação, b) abandono do ITA e do curso de Economia, em função do desejo de dedicar-se ao ensino na USP como forma de produzir a si mesmo, colaborando na produção do outro, conforme afirma: “montei grupos de pesquisa // bastante produtivo // saiam vários mestrados por ano” (HENRIQUE ANTUNES CUNHA JÚNIOR).

7. *A construção de um referencial teórico sobre a História da África e da sua inserção no campo da educação:*

² Colaboram na transformação da vida que foi social, cultural, familiarmente programada/combinada, numa invenção, ou seja, algo original a ser construído, cotidianamente.(JOSSO, 2010).

(...) estando na França eu tive uma oportunidade impar de ler e ver uma porção de coisas sobre África, lá tem dúzias de institutos na França que lidam com África, então ai que eu aprofundi a bibliografia de África, // em São Paulo eu entrei para dois grupos do movimento negro um deles foi ABREVIDA, que era um grupo que trabalhava com professores da escola pública municipal em São Paulo, a Emilia Expedita era coordenadora da ABREVIDA e lá na ABREVIDA agente resolveu fazer formação de professores sobre historia e cultura africana, nós então deste 87 oficialmente para prefeitura de São Paulo agente já dava esse curso de história, nós chegamos a dar curso para mais de quinhentos professores, foi ai que então a marca da questão da educação se fixa no meu trabalho e eu passo a trabalhar sistematicamente com educação por causa da ABREVIDA. // e daí realmente eu vou fundo na coisa da educação, há de se dizer que o movimento negro desde 70, já vinha discutindo a educação de população negra e eu já tinha participado de coisas nesse período, tanto que por exemplo, teve o Primeiro Congresso Brasileiro de Educação em 79 agente já fez uma mesa sobre negro e educação no Brasil, mais bom, em 73, por exemplo, agente teve uma experiência muito boa com discussão de educação de criança. // é da primeira vez que eu dei aula de História Africana. // no GTPLUM, a única pessoa que tinha o material de História Africana em São Paulo e me cedeu o material para estudar na casa dela foi a Dr^a. Iracema de Almeida, ela tinha livro de História Africana em francês que eu e foi a primeira grande aproximação com História Africana foi nos livros da Iracema de Almeida.

Esse excerto de relato, ligado à participação em dois diferentes grupos de discussão da questão do negro, ABREVIDA e GTPLUM³, bem como o contato com educadores, teóricos e teorias que discutiam a África e os africanos, do ponto de vista histórico, sociocultural, oportunizados por pessoas e grupos em França e São Paulo, nos parece preponderante no sentido da explicitação dos caminhos intelectuais que estruturaram a necessidade da abordagem da questão do/a negro/a, através de outros referenciais e questões teóricas, diferentes das que vinham sendo discutidas, de modo a instigar o professor entrevistado a desenvolver novos paradigmas e esquemas explicativos das realidades observadas.

8. *Exposição dos motivos da escolha teórica pelo conceito de etnia em detrimento do conceito de raça:*

(...) a educação foi onde agente se aprofundou e ai eu comecei a ver que o movimento negro precisava de uma base teórica mais forte, que aquela que agente estava, aquela coisa de discutir o racismo de tudo na superficialidade, os exemplos e

³ ABREVIDA – Associação Afro-brasileira de Educação, Cultura e Preservação da Vida. GT Plum, comandado por uma médica - Iracema de Almeida - grupo que reunia profissionais liberais e médicos negros, vinculados ao partido de direita. De acordo com Cunha, esses dois grupos, junto com outros da década de 30, 40, 50, foram muito importantes no combate ao racismo e às discriminações contra negros/as. http://www.google.com.br/#hl=pt-BR&biw=1016&bih=596&q=ABREVIDA&aq=f&aqi=g-s1&aql=&oq=ABREVIDA&gs_rfai=&fp=3035c65b99df84ca

tudo não estavam suficientemente forte, agente já tinha a coisa da cultura como eu já disse, vinha das artes e aí a primeira vez que eu pensei a coisa da etnia e tudo mais foi em 88, 89, 89 nós fizemos em Marília o Primeiro Congresso Paulista de Professores e Pesquisadores Negros das Universidades Paulistas e esse congresso foi um negócio fantástico, ele teve Milton Santos, Kabengele Munanga, Darci de Matos, meu pai, teve assim a nata do que tinha negros pensando em negros no sul do Brasil, então a montagem desse seminário também foi uma revolução, as coisas que eu vi Milton Santos falar, ouvi pessoas também como Wilson da USP, Joel Rufino, Clóvis Moura, estava todo esse pessoal no seminário, você imagine um seminário com essa turma e aí, as idéias, realmente eu percebi que o paradigma da raça tava com problemas, sérios problemas aonde definitivamente, eu abandonei o paradigma da raça, foi aonde eu procurei reconstituí-lo, mas, o que é mais forte nessa época é que a Nigéria tinha oferecido para os países da América, a possibilidade de ter professores nigerianos ensinando historia africana e a Guiana tinha professores e aí é que eu conheço Adelina Pena que é a minha professora que me formou na historia africana e ela um dia me disse: você realmente quer esse negócio de historia africana sério, eu disse quero, então você tem que ser disciplinado, você tem que ler coisas e eu vou tomar lição de você e tudo realmente, eu tinha minha carga de leitura e mesmo quando eu vinha para o Brasil eu tinha que mandar pelo correio as coisas de leitura e tudo, era o tempo que agente escrevia carta e toda essa coisa e, ela, então, foi quem sistematizou para mim a coisa da historia africana foi essa coisa da Guiana, da Adelina, depois ela foi para a Jamaica, eu passei lá, depois ela foi para os EUA também fui para os EUA, então o que me dá a formação é isso, então eu acho que tá marcado a hora que eu aprofundo o paradigma de etnias entre 88 e 92, e tá marcado o motivo da cultura e eu acho que contei o porque que eu me interessei por cultura de base africana e quais foram as referências que me levaram a isso.

Conclusões

A entrevista biográfica realizada com o professor Henrique Antunes Cunha Júnior, em nosso estudo, nos dá a dimensão do que uma pessoa pode fazer da sua vida. Mesmo consciente da construção histórica de uma vida numa sociedade que vivencia, no cotidiano, o racismo institucional, vitimizandando os negros e as negras da sua população, fato já provado pelas estatísticas disponibilizadas pelo IBGE (2010) e outros inúmeros institutos e também na fala do Henrique Cunha acerca do comportamento do Itamaraty: “o Itamaraty sempre mandava loiras, mesmo que ela insistisse que queria com cultura de base africana”, esse professor escolhe trazer à memória as pessoas e os contextos que fortaleceram a sua auto-estima e a sua busca pelo conhecimento acerca de si, do outro e do nós, representado, identificado, por ele como africanos e afrodescendentes.

A narrativa de vida tal qual nos foi apresentada nos leva a confiar/provar que a família, os diversos grupos do movimento negro, as universidades do Brasil e do

exterior aqui elencadas pelo entrevistado, e seus inúmeros teóricos funcionaram como formadores da visão que o entrevistado faz de si mesmo e da sua cosmogomia, no momento em que se remete às diferentes experiências vivenciadas em diferentes tempos, diferentes lugares, situando a sua história individual nos contextos coletivos.

Henrique Antunes Cunha Júnior ao se dispor a contar o relato de sua vida na perspectiva da sua formação nos deu acesso aos seus *encontros formadores*, *momentos-charneira* e *temas significativos*, em sua vida e sua luta não violenta de acesso ao poder-saber da universidade para si, mas também para o outro, a população negra brasileira.

Referências

ELIAS, Norbert. **A Condição Humana**. Tradução de Manoel Loureiro. Rio de Janeiro: Beltrand; Lisboa: Difel, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. Brasília, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Tradução: Albino Pozzer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução: José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza(org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 29º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4788217Y2>, 06/04/2010

http://www.google.com.br/#hl=ptBR&biw=1016&bih=596&q=ABREVIDA&aq=f&aqi=g-s1&aql=&oq=ABREVIDA&gs_rfai=&fp=3035c65b99df84ca06/04/2010